

A bioeletricidade em 2019 e sua contribuição para o Sistema Interligado

SOUZA, Zilmar José. “A bioeletricidade em 2019 e sua contribuição para o Sistema Interligado”. Agência CanalEnergia. Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 2020.

Em 2019, a fonte biomassa em geral (bagaço e palha da cana-de-açúcar, cavaco de madeira, casca de arroz, biogás etc.) produziu 27.235 GWh para o Sistema Interligado Nacional (SIN), volume 3% superior a 2018.

A biomassa do setor sucroenergético continua sendo o principal combustível para a bioeletricidade no país. Em 2019, a bioeletricidade ofertada para a rede, pelo setor sucroenergético, foi de 22.407 GWh ou 82% da geração pela bioeletricidade em geral. O crescimento do volume de geração pelo setor sucroenergético foi de 4% superior ao volume de 2018. As informações são da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (UNICA), elaboradas a partir de dados da Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE).

Essa geração pela biomassa da cana foi equivalente a abastecer quase 12 milhões de residências ao longo de 2019, evitando a emissão estimada de 7,6 milhões de tCO₂, marca que somente consegue-se com o cultivo de 53 milhões de árvores nativas ao longo de 20 anos.

Desde 1987, quando se iniciou a geração de bioeletricidade para a rede pelo setor sucroenergético, na Região Centro-Sul, a bioeletricidade da cana tem fornecido um conjunto de atributos e serviços relevantes para o sistema. Somente a geração de 2019 para a rede, pelo setor sucroenergético, foi equivalente a ter poupado 15 pontos percentuais da energia armazenada sob a forma de água nos reservatórios das hidrelétricas do submercado Sudeste/Centro-Oeste.

Em novembro do ano passado, os reservatórios das hidrelétricas do Sudeste e Centro-Oeste registram um índice de armazenamento de 18,7%, o mais baixo nível de armazenamento de água desde outubro de 2017, segundo o Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS). Imagina como teria sido o ano de 2019 sem a contribuição de fontes como a bioeletricidade da cana, cuja geração para rede é predominante no período seco do SIN? Em 2019, 84% da bioeletricidade para o SIN foram ofertados justamente entre maio e novembro, o período seco, crítico e mais oneroso para os consumidores do SIN.

A bioeletricidade da cana consegue dar esta contribuição para o SIN devido à sua complementariedade com a fonte hídrica, entregando uma energia não intermitente para o SIN, um atributo de firmeza de geração sazonal que esperamos seja devidamente reconhecido no futuro mecanismo de contratação de lastro e energia, no âmbito da Modernização do Setor Elétrico Brasileiro.

As usinas de bioeletricidade da cana são “reservatórios virtuais” das hidrelétricas em um sistema interligado ainda dependente da fonte hídrica, cada vez mais complexo com a entrada natural das fontes intermitentes. Não dá para contratarmos apenas térmicas convencionais, com geração não renovável, para garantir a segurança do

sistema. A bioeletricidade é uma fonte que fará a diferença para garantirmos segurança no suprimento, modicidade tarifária, ao mesmo tempo em que asseguramos o desenvolvimento sustentável da matriz elétrica.

Espera-se, no Processo de Modernização do Setor Elétrico, além de tratar adequadamente os atributos da bioeletricidade, a configuração de diretrizes de médio e longo prazo estimulantes para o setor sucroenergético, dentre elas promover ações transversais no setor elétrico considerando os efeitos positivos sobre o setor sucroenergético.

O aumento da integração entre setores elétrico e sucroenergético, de forma semelhante ao esforço louvável de integração setor elétrico e gás natural, certamente criará impactos positivos ao se estimular a bioeletricidade sobre o etanol e a Política Nacional de Biocombustíveis – RenovaBio (e vice-versa).

Considerando que estamos aproveitando em torno de 15% apenas do potencial da bioeletricidade da cana, são grandes desafios para os próximos anos, mas a correta valoração dos atributos da bioeletricidade no bem-vindo processo modernização do setor elétrico certamente contribuirá para tirar do papel estes “reservatórios virtuais” e renováveis que o Brasil possui.

Zilmar José de Souza é gerente de bioeletricidade na Unica – União da Indústria de Cana-de-Açúcar.